

O ESPAÇO SAGRADO NA RELIGIOSIDADE CRISTÃ CATÓLICA: Percurso histórico e elementos principais¹

The sacred space in religious christian catholic: Historical path and main elements

Larissa Aparecida Lima da Silva^(*)

Resumo

Este artigo trata dos espaços cristãos católicos ao longo da história. Para tanto, foi necessário reconhecer a importância dos lugares de culto para as religiões, bem como pontuar a herança hebraica presente nas celebrações católicas, verificando os pontos de mudanças e elementos que resistiram às vicissitudes do tempo e se tornaram constituintes do espaço celebrativo católico.

Palavras-chave: Espaço. Liturgia. Sagrado. Católico.

Abstract

This article is about the christian catholic spaces throughout the history. For such, it was necessary to recognise the importance of the worship places for religions; punctuate the Hebrew heritage present in the catholic celebrations and verify the changing points and elements that resisted to the time circumstances and became constituents of the catholic celebrating space.

Keywords: Space. Liturgy. Sacred. Catholic.

INTRODUÇÃO

O homem cria espaços para viver de acordo com o seu modo de pensar e se relacionar com o mundo ao seu redor. Como afirma Souza, “o mundo se revela por uma constituição crescente de simbologias interferentes na existência social de pessoas e lugares”². É por esta razão que se verifica ao longo da história da humanidade a constante preocupação com a construção de lugares que favoreçam as experiências transcendentais.

Os fenômenos religiosos, como fatos culturais e sociais, apresentam consideráveis implicações em termos espaciais, especialmente visíveis quando se trata de grandes sistemas religiosos, em geral profundamente gravados no espaço, desde logo porque propõem aos respectivos crentes uma explicação da ordem do universo (cosmogonia), muitas vezes presente também, em termos simbólicos, no modo como modelam os seus espaços, nomeadamente no que se refere às suas formas arquitetônicas. À semelhança

^(*)Professora de Arte da Rede Estadual de Educação de Minas Gerais. Licenciada em Artes pelo Centro Universitário Claretiano e Bachelar em Teologia pela PUC-Minas e em Artes Visuais pela UFMG. Email: larissalima144@gmail.com.

¹ Artigo Científico encaminhado ao Instituto IBE/FACCRI, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ciência da Religião em dezembro de 2016.

²SOUZA, José Arilson Xavier de. Religião: Um tema cultural de interesse geográfico. *Revista da Casa da Geografia de Sobral*, Sobral, v. 12, n.1, p. 69-80, 2010. p.8.

do que, mais genericamente, se pode afirmar para a cultura, a religião é uma forma de pensar o espaço e, a partir desta relação, é possível até, em certos casos, identificar regiões culturais cuja marca distintiva fundamental é dada pelo elemento religioso.³

Isto se justifica pelo fato de que a busca por experiências espirituais é algo que se encontra desde os primórdios da existência humana. Tudo o que o ser humano desenvolve possui a marca do modo como concebe a realidade. Não é diferente em relação às construções utilizadas para os cultos divinos ao longo da história. Como afirma Dionísio Boróbio:

No decurso da História, os homens de todos os povos, culturas e religiões buscaram esses lugares e símbolos espaço-temporais de encontro como o divino. O homem, por sua própria condição carnal, necessita de materialidade das coisas para poder sentir e expressar-se e, de forma especial, para poder sentir e expressar-se em relação ao divino, a Deus. Daí a importância do espaço e do tempo como mediações que, por si mesmas e por sua “configuração humana”, são capazes de transparecer, quase sacramentalmente, a transcendência e o mistério de Deus, a partir da imanência da realidade material.⁴

Nos edifícios sagrados pode-se verificar a consciência coletiva, os valores morais e as relações entre as classes sociais. Segundo Cláudio Pastro, o espaço que o ser humano cria o reflete, da mesma forma que o comportamento humano é determinado pelo espaço⁵.

A religião cristã se encontra dentro deste contexto. Ela revela o caminho espiritual de um povo. Com o decorrer dos anos, as comunidades cristãs passaram por várias mudanças que podem ser percebidas através das estruturas e formatos de seus espaços celebrativos. Pois, como afirma Thiago Paro, as “construções das igrejas, na sua arquitetura e disposição, refletem o jeito de ser da Igreja em um determinado tempo e lugar”⁶.

Este estudo abordará as particularidades do espaço cultural da Igreja Católica Apostólica Romana. Para tanto, é importante perceber as mudanças sofridas no tempo e, principalmente, os elementos que permanecem no decorrer dos séculos. Estes se tornam constituintes e ajudam a manter a identidade religiosa à qual estão relacionados.

³SANTOS, Maria da Graça M. Poças. *Espiritualidade, turismo e território: Estudo Geográfico de Fátima*. Estoril: Principia, 2006. p.110.

⁴BOROBIO, Dionísio. *A dimensão estética da liturgia: artes sagradas e espaços para celebração*. São Paulo: Paulus, 2010. p. 35.

⁵PASTRO, Cláudio *Teologia do Espaço*. Graça. São Paulo, 2006. p.5
PARO, Thiago Aparecido Faccini. O Espaço Litúrgico Como Experiência Mistagógica. *Pensar Plural: Liturgia*. Porto Alegre. V. 44, p. 381-395, set.-dez. 2014.p.385.

⁶PARO, Thiago Aparecido Faccini. O Espaço Litúrgico Como Experiência Mistagógica. *Pensar Plural:Liturgia*.Porto Alegre. V. 44, p. 381-395, set.-dez. 2014. p. 382.

A IMPORTÂNCIA DO ESPAÇO SAGRADO PARA A HUMANIDADE

A elaboração ou construção de um espaço diferenciado do comum e que favoreça uma experiência religiosa transcendental é uma necessidade antropológica. Segundo Mircea Eliade:

Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras (...) Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência “forte”, significativo – e há outros espaços não sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma: amorfos. Mais ainda: para o homem religioso esta não-homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado – o único que é real, que existe realmente – e tudo o resto, a extensão informe que o cerca.⁷

ESPAÇOS SAGRADOS HEBRAICOS

O cristianismo é uma religião que surgiu de um desdobramento da religiosidade hebraica. Para se compreender a relação entre cristãos e espaço sagrado é preciso lembrar a experiência religiosa judaica. Pontuar o foco de divisão entre as duas crenças é verificar a importância do espaço sagrado neste processo. Pois, segundo Boróbio o “cristianismo assume e reinterpreta os lugares de culto do Antigo Testamento: o templo, lugar do sacrifício sobre o altar”⁸.

Os livros sagrados hebraicos, mesmo sendo registros que prezam pela identidade e experiência espiritual de um povo, são importantes registros históricos. Sobre isto o arqueólogo William Albright afirma que:

Tem havido um retorno geral ao apreço da exatidão da história religiosa de Israel, tanto no aspecto geral como nos pormenores factuais. Em suma, agora podemos novamente tratar a Bíblia do começo ao fim como documento autêntico de história religiosa (...). Não é exagero enfatizar-se fortemente que, a bem dizer, não há nenhuma evidência, no antigo Oriente Próximo, de falsificação documental ou literária.⁹

⁷ ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões*. Coleção Tópicos. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 35.

⁸ BORÓBIO, Dionísio. *A dimensão estética da liturgia: artes sagradas e espaços para celebração*. São Paulo: Paulus, 2010. p.45.

⁹ ALBRIGHT, William Foxwell. *History, Archaeology and Christian Humanism*. McGraw-Hill, 1964. p.294-296 *Apud* HUBNER, Manu Marcus. *Personagens da Bíblia Hebraica que Aparecem em Registros Arqueológicos*. In: PAIM, M et al. *Diálogos entre culturas judaica e contemporânea*. São Paulo: Instituto Cultural Interface, 2014.

Neles é possível perceber a relação entre o povo e o espaço sagrado ao longo do tempo e verificar como a percepção espacial do sagrado irá se transformar por força de diversos acontecimentos históricos.

A liturgia, como um conjunto de elementos que fazem parte de um culto religioso, exige um cuidado particular com o espaço celebrativo. Por esta razão, a arquitetura se encontra intimamente ligada ao rito¹⁰. Esta ligação é perceptível na história do povo hebreu. Os cultos e as edificações sagradas foram se tornando cada vez mais complexos no desenvolvimento da sociedade hebraica.

O livro do Gênesis narra a história dos Patriarcas¹¹. Várias vezes ao longo de suas vidas Abraão, Isaac e Jacó constroem altares em honra a Deus e armam suas tendas em lugares particularmente significativos na relação entre cada um e seu Senhor. Estes lugares, embora sendo de notável importância, foram construídos de forma rústica se comparados à magnificência dos templos futuros.

Iahweh apareceu a Abrão e disse: “É a tua posteridade que eu darei esta terra.” Abrão construiu ali um altar a Iahweh, que lhe aparecera. Dali passou à montanha, a oriente de Betel, e armou sua tenda, tendo Betel a oeste e Hai a leste. Construiu ali um altar a Iahweh e invocou seu nome.¹²

Para Israel¹³, o monte é um lugar privilegiado para encontrar a presença divina. Exemplo desta importância é quando Moisés chega ao Horeb, a montanha de Deus, e ouve a voz do Senhor ao contemplar a sarça que arde no fogo e não se consome¹⁴. Com o passar do tempo e o desenvolvimento cada vez maior da experiência transcendente, o povo hebreu ergue a Tenda da Reunião. Um primeiro espaço fixo para encontro com Deus é elaborado. Sua função era abrigar a arca que guardava as Tábuas da Lei¹⁵.

Após um longo período de vida nômade, o povo hebreu se estabelece em um local que foi designado como “Terra Prometida”. Novamente, a forma de utilizar o espaço de culto divino sofre alterações. Para uma sociedade que possui estabilidade

¹⁰ MACHADO, Regina Céli de Albuquerque. *O Local de Celebração: Arquitetura e Liturgia*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 14.

¹¹ Abraão, Isaac e Jacó, principais patriarcas hebreus que teriam iniciado a linhagem hebraica. (GUEDES, p.38, 2015).

¹² GÊNESES. In: Sociedade Bíblica Católica Internacional. *Bíblia de Jerusalém*. Nova Edição Revista. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. p. 50.

¹³ Israel é a designação coletiva dos israelitas. (FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2ed. Revista e ampliada. Nova Fronteira. Rio de Janeiro: 1993. p. 973).

¹⁴ ÊXODO. In: Sociedade Bíblica Católica Internacional. *BÍBLIA DE JERUSALÉM*. Nova Edição Revista. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. p.105-106.

¹⁵ *Ibidem*, p.160-161.

territorial, é necessário um lugar fixo de espiritualidade. Sendo assim, o rei Salomão edificou Templo de Deus em Jerusalém¹⁶.

O Templo se torna o lugar central onde todos os israelitas se convergem em oração e o símbolo do poder real. Posteriormente, este Templo será destruído e reedificado vários anos depois para diminuir a hostilidade entre os judeus e Herodes. Jesus de Nazaré nasceu e cresceu neste contexto histórico¹⁷.

ESPAÇOS SAGRADOS CRISTÃOS NA HISTÓRIA

Cristo é a linha de separação entre judeus e cristãos. Depois de sua morte, seus discípulos iniciam a divulgação da fé em Jesus como Filho de Deus. Isso gera diversos debates e perseguições destes com as autoridades hebraicas. Aos poucos, o cristianismo se distancia cada vez mais do judaísmo e se estrutura como uma religião própria.

Jesus, durante sua vida, valoriza o Templo de Jerusalém como lugar sagrado de encontro com Deus Pai¹⁸. Porém, ele introduz algo novo em relação à ideia de espaço religioso. Cristo vem dizer que não basta erguer um estabelecimento para se encontrar com Deus. É preciso que as pessoas reunidas ali tornem-se “lugar” da presença divina. Cláudio Pastrodiz com propriedade que “a pessoa do cristão é o templo de Deus, e o espaço sagrado cristão não é um templo, mas o lugar onde se reúnem os assinalados com o selo do Deus Vivo”¹⁹.

Portanto, já não sois estrangeiros e adventícios, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus. Estais edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, do qual é Cristo Jesus a pedra angular. Nele bem articulado, todo o edifício se ergue em santuário sagrado, no Senhor, e vós, também, nele sois co-edificados para serdes uma habitação de Deus, no Espírito.²⁰

¹⁶ PRIMEIRO REIS. In: Sociedade Bíblica Católica Internacional. *Bíblia de Jerusalém*. Nova Edição Revista. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. p.476.

¹⁷ MACHADO, Regina Céli de Albuquerque. *O Local de Celebração: Arquitetura e Liturgia*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 18.

¹⁸ EVANGELHO SEGUNDO MATEUS. In: Sociedade Bíblica Católica Internacional. *Bíblia de Jerusalém*. Nova Edição Revista. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. p.1724.

¹⁹ PASTRO, Cláudio. *A arte no cristianismo: fundamentos, linguagem, espaço*. Paulus. São Paulo, 2010. p.93.

²⁰ EFÉSIOS. In: Sociedade Bíblica Católica Internacional. *BÍBLIA DE JERUSALÉM*. Nova Edição Revista. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. p.2042.

O espaço físico deve ser imagem e semelhança desse encontro entre o homem e Deus. Seus elementos e sua estrutura devem ser imagem da relação entre a Igreja, Corpo Místico do Senhor, e Cristo, sua cabeça²¹.

IGREJA NASCENTE

O fato de que o espaço de culto cristão possui um valor diferente do templo judaico não acabou com a preocupação da Igreja em construir lugares que resplandessem beleza e zelo. Para os cristãos, Cristo é a beleza encarnada e a Igreja, que é o povo reunido e Corpo de Cristo, é igualmente bela. Por isso, ambiente celebrativo, imagem da Igreja, deve resplandecer a glória divina. Segundo Cláudio Pastro:

A beleza é um acontecimento: Deus Conosco, Jesus vivo em seus mistérios, isto é, em cada celebração pascal da Igreja. Jesus não é alguém do passado e nem fala ao meu coração, mas, sim, fala objetivamente no Mistério celebrado. Se o mistério cristão é o único belo, a beleza, então, o lugar de culto será igualmente belo, pois que é justo e verdadeiro²².

Na Igreja nascente, as casas dos fiéis eram os espaços de reunião e celebração. E os cultos de iniciação na fé que precisavam de água em abundância eram celebrados nas termas, lugar utilizado para o banho localizado perto dos riachos²³. Mesmo neste contexto austero e marcado pelas perseguições romanas, os cristãos ornamentavam os lugares onde se reuniam e as catacumbas.

Os restos mortais dos fiéis possuíam grande simbolismo e lugar de grande respeito. Eram ornadas por elementos que lembravam passagens bíblicas e a vida comunitária e testemunhal dos mártires. Cláudio Pastro resume com propriedade esta etapa na história cristã:

As imagens bíblicas são aquelas que exprimem o pensamento de que o poder de Deus salva da morte (...). Essas pinturas catacumbais, na sua simplicidade e até rusticidade, nos ensinam que os fiéis daquele tempo professavam a mesma fé que nós possuímos: acreditavam na divindade de Jesus, na eucaristia (...). Ainda testemunham a esperança nos méritos do Salvador, o perdão dos pecados, a ressurreição da carne e a vida eterna²⁴.

²¹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Orientações para projeto e construção de igrejas e disposição do espaço celebrativo*. São Paulo: Paulus, 2013. p.8.

²² PASTRO, Cláudio. *O Deus da beleza: A educação através da beleza*. Paulinas. São Paulo, 2008. p.69.

²³ MACHADO, Regina Céli de Albuquerque. *O Local de Celebração: Arquitetura e Liturgia*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 20.

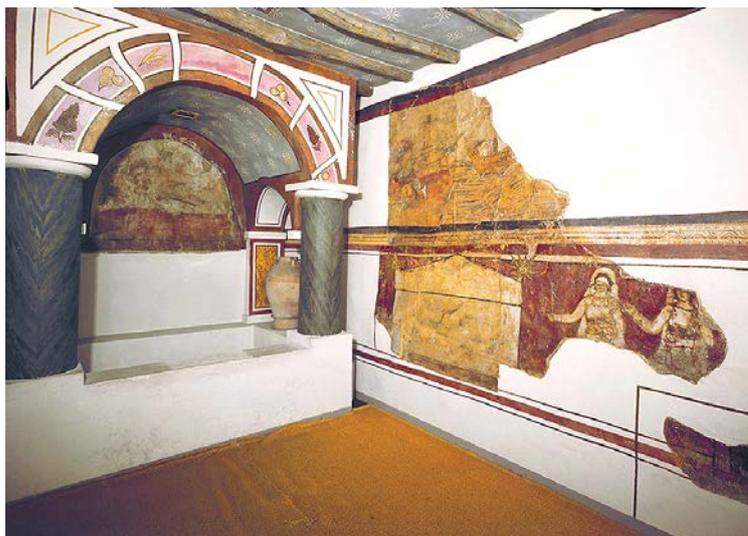
²⁴ PASTRO, Cláudio. *A arte no cristianismo: fundamentos, linguagem, espaço*. São Paulo: Paulus., 2010. p.146.

Com o passar dos séculos, alguns elementos foram se tornando estruturantes nos lugares de encontro e celebração. No século III há indicações de um consenso sobre o posicionamento da presidência, da mesa da Palavra, do batistério e da mesa eucarística. Gradativamente, o número de adeptos ao cristianismo foi crescendo e os locais de encontro aumentaram.

Segundo Pastro, esta fase da Igreja pode ser chamada de *Domus Ecclesiae*²⁵. São casas simples e de uso exclusivo para os cultos cristãos. Um exemplo deste tipo de edificação é a *Domus Ecclesiae de Dura Europos* (Figura 1):

[...] encontrada debaixo da areia da longínqua Mesopotâmia, revela em sua planta a existência de uma distribuição do espaço segundo os usos pastorais: um ambiente batismal, com piscina para imersão e decoração parietal, uma sala de aula maior, para catequese, e uma sala ampla, munida de jarros para a sinapse eucarística²⁶.

Figura 1 – Dura Europos



Fonte: GULÁCSI, 2011

No ano 380, o cristianismo se tornou a religião oficial do Império Romano. Os espaços sagrados dos cristãos sofreram grandes transformações após esta mudança. Por razão do aumento exorbitante de neo-cristãos, as pequenas casas de encontro se tornaram pequenas para abrigar todos os fiéis. Era preciso mudar o lugar para espaços maiores.

²⁵ Ibidem, p.260.

²⁶ Ibidem, p.260.

Para resolver essa necessidade de forma rápida, as basílicas foram ocupadas. Estes edifícios serviam para reuniões jurídicas, cívicas e mercantis²⁷. De forma abrupta, os cristãos “se veem transportados dos simples ambientes de sua ‘*domusecclesiae*’ aos enormes espaços e suntuosamente decorados das basílicas (...). Serão incalculáveis para a liturgia e a vida religiosa dos fiéis as consequências dessa nova concepção do culto e da ‘*ecclesia*’²⁸”.

Novamente os espaços de culto revelam a estrutura social de seus fiéis e da sociedade na qual estão inseridos. Com a mudança política que a religião cristã sofre, a estrutura física e ornamental de seu espaço sagrado também muda.

IDADE MÉDIA

Na Idade Média as construções e seus ornamentos são mais elaborados. Cresce o número de igrejas e a devoção à Maria é destacada nos edifícios através de pinturas e alto-relevo. Nos séculos XII e XIII, o crescimento da valorização das reservas eucarísticas²⁹ modifica a dinâmica do espaço celebrativo. As construções góticas ao longo do período medieval indicam o enraizamento da piedade popular e refletem as mudanças econômicas e políticas³⁰.

O Império Romano do Oriente desenvolve a arte bizantina para decorar as basílicas. Para Pastro, essa arte possui uma “característica essencialmente diáfana, isto é, uma arte do Mistério a serviço da liturgia católica”³¹. As pinturas têm como temas as passagens bíblicas. E os diversos crucifixos em baixo-relevo apontam a irrelevância da escultura nesse período. Para esse período a arte será uma grande colaboradora para o ensino da religião.

RENASCIMENTO

²⁷ MACHADO, Regina Céli de Albuquerque. *O Local de Celebração: Arquitetura e Liturgia*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 21.

²⁸ PLAZAOLA, Juan. *Historia y sentido Del arte Cristiano*. Editorial Católica. Madrid, 1996, p.65. apud MORAES, Francisco Figueiredo de. *O espaço do culto à imagem da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2009. p. 28.

²⁹ Lugar onde se guarda as hóstias consagradas na missa.

³⁰ MACHADO, Regina Céli de Albuquerque. *O Local de Celebração: Arquitetura e Liturgia*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 22.

³¹ PASTRO, Cláudio. *A arte no cristianismo: fundamentos, linguagem, espaço*. São Paulo: Paulus, 2010. p.152.

O período do Renascimento do século XV propõe mudanças em toda a sociedade. O cristianismo e conseqüentemente os espaços de culto sofreram várias mudanças com o redescobrimento do pensamento e da arte da Antiguidade Clássica. As pinturas nas igrejas erguidas neste tempo possuem aspectos mais realistas e menos simbólicos. Aos poucos, os temas sobre um futuro tenebroso vão dando lugar a de um presente de esperança.

O século XVI trás consigo a arte do barroco. A emoção e expressividade podem ser encontradas em várias igrejas brasileiras. Neste mesmo século, a Igreja Católica passa por uma grande reforma formulada no Concílio de Trento. No que compete ao espaço de culto, uma das mudanças é a criação de diversas capelas laterais nas igrejas. Com isso, era possível celebrar diversas missas simultaneamente.

CONTEMPORANEIDADE

No século XX, a Igreja Católica vive uma nova reforma com o Concílio Vaticano II (CVII) que afeta a organização do espaço sagrado. O documento que indica estas mudanças é a Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, sobre a Sagrada Liturgia (SC). Vários outros documentos surgiram como forma de concretização das decisões conciliares: *Inter Oecumenici* e a Instrução Geral sobre o Missal Romano (IGMR). A direção tomada nestas orientações é de restituir o essencial vivido no início do cristianismo pelas primeiras comunidades cristãs.

Os lugares de celebrações católicas devem, a partir do CVII, seguir uma orientação comunitária e pastoral. Devem ser “dignos e belos, sinais e símbolos das coisas divinas”³² para que colaborem na constante transformação da assembleia reunida em imagem de Cristo³³:

Por isso, enquanto a Liturgia cada dia edifica em templo santo no Senhor, em tabernáculo de Deus no Espírito aqueles que estão dentro dela, até à medida da idade da plenitude de Cristo, ao mesmo tempo admiravelmente lhes robustece as forças para que preguem Cristo. Destarte ela mostra a Igreja aos que estão fora como estandarte erguido diante das nações, sob o qual se congreguem num só corpo, os filhos de Deus dispersos, até que haja um só rebanho e um só pastor³⁴.

³² CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DO SACRAMENTO. *Instrução Geral sobre o Missal Romano*. Petrópolis: Vozes, 2004. N.288.

³³ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Orientações para projeto e construção de igrejas e disposição do espaço celebrativo*. São Paulo: Paulus, 2013. p. 22.

³⁴ CONCILIO VATICANO II. Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, sobre a Sagrada Liturgia. In: CONCILIO VATICANO II. *Compêndio do vaticano II*– Constituições, decretos e declarações. 29ed. Petrópolis: Vozes, 2000. N.2.

Estas mudanças da Igreja Católica na contemporaneidade são reflexos da mutação da humanidade neste período. A tentativa de retomar o fundamental da própria fé chega ao que tange o espaço no qual será celebrado tal crença. O lugar sagrado novamente acompanha as evoluções daqueles que o utilizam.

A renovação proposta pelo CVII prescreve que as igrejas devem ser direcionadas para a celebração litúrgica e devem também cooperar na ativa participação dos fiéis. Para Regina Céli “depois do Concílio, a arquitetura dos novos templos e daqueles a serem reformados deveria atender dois objetivos básicos e precisos: ser funcional para a celebração litúrgica e facilitar a participação ativa dos fiéis”³⁵.

ELEMENTOS FUNDAMENTAIS DO ESPAÇO CELEBRATIVO CRISTÃO

Os espaços sagrados da Igreja ao longo da história sofreram diversas modificações. Apesar de tantas mudanças, alguns elementos foram constantes, mesmo que muitas vezes ofuscados pelo excesso de detalhes. O CVII procura salientar a importância dos elementos constituintes no espaço celebrativo da Igreja. Para que o lugar de celebração revele a identidade da assembleia reunida.

Segundo Marco Antônio Moraes Lima, o primeiro a pontuar estes componentes foi Crispino Valenziano. Em seu livro *Architettura litúrgica*, ele indica o altar, o ambão e a fonte batismal como “qualidades identificadoras do espaço litúrgico”³⁶. Estes três itens recordam os pontos principais da vida e morte de Jesus Cristo, centro da espiritualidade cristã. Para cada um deles, a Igreja indica parâmetros para a confecção e edificação.

ALTAR

Segundo o Cerimonial dos Bispos o altar deve ser afastado da parede e posicionado de modo a convergir toda a assembleia para ele³⁷. Deve ser fixo à

³⁵ MACHADO, Regina Céli de Albuquerque. *O Local de Celebração: Arquitetura e Liturgia*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p.25.

³⁶ VALENZIANO, Crispino. *Architettura litúrgica*. In: CHUPUNGCO, Anscar (Dir.). *Scientia Liturgica V*, p.425. apud LIMA, Marco Antônio Moraes. *Igreja, ícone da Trindade – Espaço Litúrgico. Imago Ecclesiae*. Belo Horizonte, 2012. 266p. Tese de Doutorado em Teologia – FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. p.222.

³⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Cerimonial dos bispos (Cerimonial da Igreja)*. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 30.

construção e preferencialmente em pedra natural ou de material nobre para que “sejam dignos, sólidos e artisticamente trabalhados³⁸”.

Para o cristão, o altar é o entrelaçamento de duas realidades: mesa da Ceia do Senhor e lugar de sacrifício. Segundo o Catecismo Católico:

O *altar*, em torno do qual a Igreja está reunida na celebração da Eucaristia, representa os dois aspectos de um mesmo mistério: o altar do sacrifício e a mesa do Senhor, e isto tanto mais porque o altar cristão é o símbolo do próprio Cristo, presente no meio da assembleia de seus fiéis, ao mesmo tempo como vítima oferecida por nossa reconciliação e como alimento celeste que se dá a nós.³⁹

A elaboração artística da peça do altar deve expor estas duas realidades. Mas, ao mesmo tempo não deve ser algo que sobrecarregue este item que já possui significado em si mesmo. Segundo Pasto, “a forma do Altar será a mais variada possível, desde que sirva às suas funções e ao seu significado. (...) A sua forma quadrada ou retangular ou redonda varia segundo os apelos culturais. O importante é que manifeste ser UM.⁴⁰”

AMBÃO

O ambão também deve ser realizado com toda a dignidade, pois é um dos elementos principais dentro do espaço sagrado cristão católico. Nele são proclamados os textos sagrados que alimentam a fé dos fiéis. O Catecismo da Igreja Católica (CIC) afirma que a Igreja “nunca cessa de distribuir aos fiéis o Pão da Vida, tornado à mesa quer da Palavra de Deus, quer do Corpo de Cristo⁴¹”.

O uso do ambão nas igrejas católicas é uma herança do ambiente sinagoga hebraico. Um determinado lugar das sinagogas era destinado como apoio dos rolos das Escrituras enquanto estas eram proclamadas. A palavra “ambão” quer dizer subir e é originada do grego *anabainein*⁴². Segundo Boróbio, o ambão não deve ser apenas

³⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DO SACRAMENTO. *Instrução Geral sobre o Missal Romano*. Petrópolis: Vozes, 2004. N.301.

³⁹ CONCILIO VATICANO II. Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, sobre a Sagrada Liturgia. In: CONCILIO VATICANO II. *Compêndio do vaticano II* – Constituições, decretos e declarações. 29ed. Petrópolis: Vozes, 2000. N. 1383.

⁴⁰ PASTO, Cláudio. *A arte no cristianismo: fundamentos, linguagem, espaço*. São Paulo: Paulus, 2010. p.282.

⁴¹ CONCILIO VATICANO II. Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, sobre a Sagrada Liturgia. In: CONCILIO VATICANO II. *Compêndio do vaticano II* – Constituições, decretos e declarações. 29ed. Petrópolis: Vozes, 2000. N.103.

⁴² MORAES, Francisco Figueiredo de. *O espaço do culto à imagem da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2009. p. 130.

funcional⁴³. Por meio da decoração, da colocação e da iluminação deve conduzir a assembleia a compreender que a vontade de Deus é revelada através de sua Palavra. A boa nova é proclamada nele:

[...] anúncio carregado de alegria e de esperança; de onde se narram e se proclamam os acontecimentos da história da salvação; de onde se explica e se aplica a palavra para ser não apenas escutada, mas também compreendida, praticada e vivida; de onde se interpela a fé para sua renovação e vivificação.⁴⁴

A partir do século IV, o ambão passou a estar sempre presente no lugar de culto cristão. Sua posição no espaço estava ligada ao fato técnico de uma boa projeção da voz durante a proclamação da Sagrada Escritura. Por esta razão, seu posicionamento variou ao longo da história entre o presbitério e a nave⁴⁵.

Com a conclusão do Concílio Vaticano II, a importância da proclamação da Palavra foi retomada. E conseqüentemente, o ambão obtém valor significativo dentro do espaço de culto⁴⁶. O ritual de bênção afirma que:

O ambão, isto é, o lugar onde se anuncia a Palavra de Deus, deve corresponder à dignidade da mesma e fazer lembrar aos fiéis que a mesa da Palavra de Deus está sempre posta. Esta bênção, porém, só poderá ser dada se se trata de ambão propriamente dito, isto é, não seja apenas um simples móvel ou estante, mas um ambão estável e de boa aparência⁴⁷.

FONTE BATISMAL

A fonte batismal presente de forma fixa no espaço celebrativo, recorda a experiência do batismo que todo o cristão vive no início de sua caminhada de fé. Por essa razão, é um dos elementos mais importantes do espaço de culto católico. Boróbio

⁴³ BOROPIO, Dionísio. *A dimensão estética da liturgia: artes sagradas e espaços para celebração*. São Paulo: Paulus, 2010. p.72.

⁴⁴ *Ibidem*, p.71.

⁴⁵ MORAES, Francisco Figueiredo de. *O espaço do culto à imagem da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2009. p.130.

⁴⁶ MACHADO, Regina Céli de Albuquerque. *O Local de Celebração: Arquitetura e Liturgia*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p.41.

⁴⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DO SACRAMENTO. *Ritual de bênçãos*. São Paulo/Petrópolis: Paulinas/Vozes, 1990. p.329.

afirma que “seu simbolismo evoca o rio da vida que brota do Cordeiro, mediante o qual o cristão chega a entrar no mistério de água viva da Páscoa de Cristo.”⁴⁸.

A palavra batismo está ligada semanticamente à palavra ‘batistério’, que vem do gregobaptisterione do latim *baptisterium*, e que quer dizer tanque ou piscina usada para o banho⁴⁹. A partir do segundo século, começam a serem construídos lugares próprios para a realização deste culto⁵⁰.

Os lugares nos quais os batismos eram realizados também sofreram mudanças ao longo do tempo. No século VIII, a procura de métodos mais práticos para se batizar um número elevado de adultos e crianças fez com que os batistérios se tornassem pias batismais. Sua posição neste período era à esquerda das entradas das igrejas⁵¹.

O CVII indicou o resgate da importância do sacramento do batismo através da valorização do espaço batismal dentro das igrejas⁵². O Cerimonial dos Bispos afirma que este espaço:

[...] deve ser especialmente digno, pois ali renascem os cristãos pela água e pelo Espírito Santo. [...] A fonte batismal ou recipiente em que, conforme a oportunidade, se prepara a água para o Batismo no presbitério, há de brilhar pelo asseio e bom gosto artístico.⁵³

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço de culto da Igreja Católica sofreu, com o passar dos séculos, diversas modificações. Estas mudanças são reflexos da transformação das sociedades nas quais a Igreja estava inserida. Igualmente revelam a evolução da própria religião ao longo do tempo.

A Igreja cristã nascente era perseguida e por esta razão possuía uma estrutura simples de hierarquia e de lugar de reunião. Após alguns séculos, a comunidade cristã se torna complexa tanto como organização social quanto como sistematização espacial.

⁴⁸ BOROBIO, Dionísio. *A dimensão estética da liturgia: artes sagradas e espaços para celebração*. São Paulo: Paulus, 2010. p. 75.

⁴⁹ Ibidem. p. 75.

⁵⁰ MORAES, Francisco Figueiredo de. *O espaço do culto à imagem da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2009. p. 151.

⁵¹ Ibidem. p. 152.

⁵² BOROBIO, Dionísio. *A dimensão estética da liturgia: artes sagradas e espaços para celebração*. São Paulo: Paulus, 2010. p.77.

⁵³ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Cerimonial dos bispos (Cerimonial da Igreja)*. São Paulo: Paulinas, 1988. p.253.

As celebrações que antes eram realizadas nas casas dos fiéis passam a acontecer em basílicas de grande porte. No século XX, esta perspectiva de suntuosidade perde força na renovação eclesial realizado no Concílio Vaticano II. Principia-se uma tendência por um retorno às origens cristãs. Esta busca identificou elementos que persistiram nas igrejas no decorrer dos anos.

Portanto, verifica-se que as partes principais no lugar de celebração do cristianismo católico são o altar, o ambão e a fonte batismal. O resultado desta pesquisa mostra que os itens dos espaços de culto revelam a identidade das religiões que o utilizam. Estes elementos continuamente apontam o cerne da fé e a relação do fiel com o transcendente.

REFERÊNCIAS

- ALDAZÁBAL, JOSÉ. *Dicionário Elementar de Liturgia*. Disponível em: <http://www.portal.ecclesia.pt/ecclesiaout/liturgia/liturgia_site/dicionario/prefacio.asp> Acesso em: 06 out 2016.
- BOROBIO, Dionísio. *A dimensão estética da liturgia: artes sagradas e espaços para celebração*. São Paulo: Paulus, 2010.
- CONCILIO VATICANO II. Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, sobre a Sagrada Liturgia. In: CONCILIO VATICANO II. *Compêndio do vaticano II – Constituições, decretos e declarações*. 29ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Cerimonial dos bispos (Cerimonial da Igreja)*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- _____. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2000.
- _____. *Orientações para projeto e construção de igrejas e disposição do espaço celebrativo*. São Paulo: Paulus, 2013.
- CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DO SACRAMENTO. *Ritual de bênçãos*. São Paulo/Petrópolis: Paulinas/Vozes, 1990.
- _____. *Instrução Geral sobre o Missal Romano*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- ÊXODO. In: Sociedade Bíblica Católica Internacional. *BIBLIA DE JERUSALÉM*. Nova Edição Revista. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- EFÉSIOS. In: Sociedade Bíblica Católica Internacional. *BIBLIA DE JERUSALÉM*. Nova Edição Revista. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões*. Coleção Tópicos. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

EVANGELHO SEGUNDO MATEUS. In: Sociedade Bíblica Católica Internacional. *Bíblia de Jerusalém*. Nova Edição Revista. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2.ed. Revista e ampliada. Nova Fronteira. Rio de Janeiro: 1993.

HUBNER, Manu Marcus. Personagens da Bíblia Hebraica que Aparecem em Registros Arqueológicos. In: PAIM, M et al. *Diálogos entre culturas judaica e contemporânea*. São Paulo: Instituto Cultural Interface, 2014.

GÊNESES. In: Sociedade Bíblica Católica Internacional. *Bíblia de Jerusalém*. Nova Edição Revista. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

GUEDES, Maria Helena. *Os grandes Patriarcas!*. Publicação online no site <https://www.clubedeautores.com.br>. 2015.

LIMA, Marco Antônio Morais. *Igreja, ícone da Trindade– Espaço Litúrgico*. ImagoEcclesiae. Belo Horizonte, 2012. 266p. Tese de Doutorado em Teologia – FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

MACHADO, Regina Céli de Albuquerque. *O Local de Celebração: Arquitetura e Liturgia*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

MORAES, Francisco Figueiredo de. *O espaço do culto à imagem da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2009.

PRIMEIRO REIS. In: Sociedade Bíblica Católica Internacional. *Bíblia de Jerusalém*. Nova Edição Revista. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

PARO, Thiago Aparecido Faccini. O Espaço Litúrgico Como Experiência Mistagógica. *Pensar Plural: Liturgia*. Porto Alegre. V. 44, p. 381-395, set.-dez. 2014.

PASTRO. Cláudio. *O Deus da beleza: A educação através da beleza*. Paulinas. São Paulo, 2008.

_____. Cláudio. *A arte no cristianismo: fundamentos, linguagem, espaço*. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. Cláudio. *Teologia do Espaço*. São Paulo: Grafa, 2006. Apud PARO, Thiago Aparecido Faccini. O Espaço Litúrgico Como Experiência Mistagógica. *Pensar Plural: Liturgia*. Porto Alegre. V. 44, p. 381-395, set.-dez. 2014.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Lecionário Dominical A-B-C*. São Paulo: Paulus, 1997.

SANTOS, Maria da Graça M. Poças. *Espiritualidade, turismo e território: Estudo Geográfico de Fátima*. Estoril: Principia, 2006

SOUZA, José Arilson Xavier de. Religião: Um tema cultural de interesse geográfico. *Revista da Casa da Geografia de Sobral*, Sobral, v. 12, n.1, p. 69-80, 2010.

(Recebido em julho de 2016; aceito em novembro de 2016)